

CONVERGÊNCIAS DO FEMININO NA POÉTICA MURILIANA

Daniela Neves

*Andam diante de mim teus olhos cristalinos,
A que um anjo cedeu poder magnetizante:
Andam: são meus irmãos estes irmãos divinos,
Jogando em meu olhar seus fogos de diamante;
Salvando-se de risco e de pecado ignavo,
Pela estrada do Belo eles impõem meus rastros.
Olhos meus servos são, deles eu sou escravo!
Obedece o meu ser a estes vívidos astros.*

Charles Baudelaire

Pela liberdade feérica e *a inteligência sans le secours d'état major* clama o eu poético muriliano, com algum saudosismo e ao mesmo tempo com uma marca única e voz cortante, bem ao estilo daqueles que constroem seu próprio jogo e sua própria arte. Em *A Idade do Serrote*, obra de memórias, Murilo Mendes confessa sua fascinação pelos mistérios humanos e, em toda a sua poesia, revela nas imagens femininas sua busca de expor em versos os incompreensíveis e complexos caminhos da experiência humana; não apenas através das reflexões de cada poema, mas também na forma assimétrica, fragmentada e de organização conscientemente desordenada de seus versos.

Nessa mesma obra memorialística, o poeta vai nos revelando traçados de sua formação, de sua poética e das motivações mais profundas de sua obra, através de imagens densas, impactantes e muitas vezes conflitivas. O aspecto pictórico se condensa na sua poesia e na prosa, refratando reflexos múltiplos de muitos textos, culturas e vozes: “Cedo atraíam-me as esfinges, as gárgulas, as medusas, as máscaras, as mascarilhas, as gigantas, as figuras de proa, as demônias, as participantes das metamorfoses de Siva ou Vishnu, as sacerdotisas; paralelamente às pessoas em carne e osso, via figuras e pessoas míticas” (MENDES, 1995: p.974).

As fortes imagens femininas poetizadas na obra autobiográfica, irão se potencializar ao longo de sua poesia, desde a fase humorística, passando pela fase mais mística e surrealista, até a sua fase mais madura, marcada pelo experimentalismo com a linguagem, engajando-se parcialmente na proposta construtivista.

Como podemos observar na passagem citada, alternam-se freqüentemente os *topos* do universo, que revertem estados e ideologias, que se embatem através da poesia.

O eu lírico revela um homem sólido/insólito, revestindo os poemas de uma imanente tensão, concentrada na alternância de visões e estados e numa constante batalha de forças e idéias contrárias na poesia e no homem.

Nesse sentido, focaliza estados múltiplos num mesmo ser, num eu lírico que se abstém das classificações do *logos*, da moral e do determinismo, misturando conceitos, interpenetrando na linguagem o bem e o mal, o santo e o profano, o eterno e o efêmero. O poeta mostra-se num campo de liberdade que lhe faculta trânsitos insuspeitados, explorando o erotismo como um dos pilares existenciais do ser humano, mesmo que aliado ao exaltado cristianismo.

Talvez, uma das grandes questões murilianas seja a indagação sobre o universo humano em permanente conflito e alternância, um aspecto que é exposto nos signos, em matizes de sentidos não sinalizados explicitamente, revelando nos objetos e nas formas concretas um campo de estudo dos traços humanos não evidenciados. O narrador-personagem de *A Idade do Serrote* observa:

Cedo começou minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível. E não escrevi São Paulo que este mundo é um sistema de coisas invisíveis manifestadas visivelmente? Não vivemos inseridos num contexto de imagens e signos? (MENDES: 1995, p.973)

A força pictórica é uma das características mais envolventes da poesia de Murilo Mendes e faz-se um jogo marcante de reflexões sobre a transitoriedade das formas visíveis, na passagem freqüente para novas imagens, que se revestem de maneira incomum por suas feições surreais, repletas de intensidade, colorido e inovação de formas. Com toda a referência católica da obra muriliana, que se tornou um adjetivo classificatório do poeta na história da literatura, o erotismo infiltra e implode na obra muriliana todas as tentativas de uma denominação única para o poeta.

Numa expressão extrema de uma condição mais ampla, o motivo feminino expande a sua delimitação concreta, revelando-se a todo momento como pesquisa intensa do poeta sobre o que se coloca além dos objetos e imagens sensorialmente perceptíveis. Em um jogo de lúdica e visualidade, surgem imagens fortes da figura feminina como elemento de transgressão e de representação de um universo humano complexo.

Nesse ímpeto do poeta, a mulher torna-se uma espécie de objeto de estudo, além de mito e elemento de contemplação, em suas formas explícita e eroticamente

apresentadas, levando-nos ao encontro da poesia em seu aspecto também emocional, ao lado das construções estéticas e do misticismo emergente. Esse feminino condensa a complexidade do ser que se desvela em faces de pragmatismo e abstração, de realismo e magia, de racionalidade e fé, de matéria e metafísica.

Podemos perceber que a imagem feminina exaltada marca-se pelo encontro de culturas, de formas e de contornos expressos sensualmente e contribui para o caráter imagético e sensorial dessa poesia. O forte apelo aos sentidos é complementado por uma outra face, transcendente e espiritualizada, que é registro de uma poética que não se marca pela unicidade, mas que, através da fragmentação, expressa o desejo de captar o ser amplo, o todo que reside em cada indivíduo, o ser uno, e a alma do universo. A mulher — uma imagem e *uma idéia fortíssima* em sua poesia — expressa dúvidas, ânsias e paixões do poeta:

Uma idéia fortíssima entre todas menos uma
Habita meu cérebro noite e dia,
A idéia de uma mulher, mais densa que uma forma.
Idéia que me acompanha
De uma a outra lua,
De uma a outra caminhada, de uma a outra angústia,
Que me arranca do tempo e sobrevoa a história,
Que me separa de mim mesmo,
Que me corta em dois como o gládio divino.
Uma idéia que anula as paisagens exteriores,
Que me provoca terror e febre,
Que se antepõe à pirâmide dos órfãos e miseráveis,
Uma idéia que verruma todos os poros do meu corpo
E só não se torna o grande cáustico
Porque é um alívio diante da idéia muito mais forte e violenta de Deus.
(MENDES: 1995, p.316)

Como pesquisa do universo humano e da alteridade a mulher surge expandido os ecos poéticos. Ainda como busca do conhecimento da alma, a temática feminina traz um olhar poético afiado sobre o corpo, sobre a forma, e também, alegoricamente, a miragem dos signos e dos símbolos que avançam para além da forma palpável, visível. O poeta intensifica a maleabilidade da poesia no feminino quase mágico, transcendente e paradoxal. Poderíamos pensar na busca da alma e da re-humanização do homem que Murilo Mendes persegue em seus poemas.

Buscando fundamentos para essa questão, podemos nos voltar para estudos da psicologia e da simbologia da mulher que, para muitos pensadores estabelece uma relação de proximidade com um espaço espiritualizado, com um princípio intuitivo que é identificado como elemento feminino, fugindo a muitas das ideologias do século XX,

que se respaldaram no poder e no domínio como referências da imagem masculina, associada ao poder cerebral, racional.

Em Murilo Mendes, por muitos momentos, a alma, substância feminina, traduz-se poeticamente num corpo de mulher e, paradoxalmente, o espiritualiza e o erotiza, evidenciando as encruzilhadas poéticas murilianas que conduzem ao *visível* e ao *invisível*.

Octavio Paz, ao refletir sobre o amor, em *A dupla Chama*, nos mostra como o século XX, apesar de todo o discurso de democracia, liberdade e humanidade, relegou homens à condição de categorias ideológicas, eliminando a alma, antes de eliminar o corpo. As atitudes dos Estados Totalitários, narradas por Paz, podem ser ampliadas para toda a sociedade que, sob a bandeira do progresso, da evolução técnica e do poder do capital, relegam à condição de objeto toda a suposta humanidade do planeta.

Murilo Mendes, nos revela uma forte consonância com Octavio Paz, defendendo em sua poesia essa humanidade que busca, em imagens que fogem da clausura da ideologia dominante, da massificação e do poder utilitarista do capitalismo, o resgate do homem em sua totalidade. Totalidade essa que já foi ponto central da análise de outros críticos, como Murilo Marcondes de Moura¹.

A imagem feminina traz em amplitude esse poder de resguardar recônditos humanos e uma alma repleta de sensorialidade, emotividade, espiritualidade e outras ressonâncias sob os mais diversificados impulsos do homem, tematizado como ser complexo e múltiplo, como manifestação de uma consciência maior, que não se reduz às práticas sociais do sistema. Podemos resgatar aqui a voz de Octavio Paz:

Quando falo de ser humano não evoco uma abstração: refiro-me a uma totalidade concreta. Mencionei algumas vezes a palavra alma e confesso-me culpado de uma omissão: a alma, ou como queiramos chamar a psique humana, não só é razão e intelecto — também é uma sensibilidade. A alma é corpo, sensação; a sensação se converte em afeto, sentimento, paixão. O elemento afetivo nasce do corpo, mas é alguma coisa mais do que atração física. O sentimento e a paixão são o centro, o coração da alma apaixonada. Como paixão e não só como idéia, o amor tem sido revolucionário na Idade Moderna. (PAZ, 1994: p.153).

Resgatando a paixão como impulso que movimenta o universo, inclusive o poético e traz o espírito da revolução e da contestação, Murilo Mendes trabalha com a imagem feminina erótica, rebelde e ao mesmo tempo dócil e afetiva, como

1 MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

representação dessa força que se coloca como uma das possibilidades de transformação da realidade embrutecida que se apresenta ao poeta.

No poema “Cordélia”, de *As Metamorfoses*, o eu lírico revela o seu paradoxo de concretude e abstração, de fantasia, desejo e confronto com o “real” apresentado: “Eu quero te construir nuvem/ Mas Cordélia tu és mulher/ Às vezes temo por ti/ Cordélia tão delicada/ Mal pousas na terra/ Os cavalos migradores/ Um dia te levarão” (MENDES: 1995, p.357). Do feminino representado na imagem sólida e personificada de *Cordélia*, da concretude física da mulher, o poeta extrai a abstração e a idealização.

Essa mulher que se encontra com o fluido e abstrato representado pelo elemento *nuvem*, e que sugere um aspecto intangível, é ao mesmo tempo mulher na terra, mas dela afasta-se sugerindo a transcendência do corpo que migra para longe do mundo. Ela carrega também a imagem da morte e do renascimento, realçada na *delicadeza* que se associa à fragilidade do ser humano, ampliada numa imagem feminina.

Nas figuras e espaços mapeados em *Carta Geográfica*, observamos que “a fronteira entre os dois mundos, o físico e o sagrado, não resulta assim tão clara” (CG, p.1056). E a figura da mulher na poesia vem diretamente ao encontro dessa idéia, marcando-se por uma descrição erótica do corpo, que ao mesmo tempo coloca-se em um patamar de subjetividade, emoção, idealização e expansão das referências poéticas.

Esse corpo feminino erotizado encontra-se com a Igreja em muitos versos e sugere a sacralidade dessa mulher, como objeto de desejo e ainda fonte de descoberta do mundo e das culturas paralelas, da alteridade, do conflito com o catolicismo e do amor do poeta. É o que faz-se nítido no poema “Igreja Mulher”, um dos mais marcantes e reveladores de sua poética: “Aponta-me a mãe de seu Criador, Musa das musas,/ Acusando-me porque exaltei acima dela a mutável Berenice/ A igreja toda em curvas/ quer me incendiar com o fogo dos candelabros...” (MENDES: 1995, p.303). A igreja, a mulher, o corpo erótico, a veneração e a fé se encontram e se combatem num eu lírico dilacerado. A mulher surge trazendo as várias, conflitivas e destoantes perspectivas e as essências do ser humano e do poeta. No entanto:

O próprio corpo físico é sacralizado nas suas formas, promovendo a exacerbação poética e integrando o profano dentro do seu olhar voltado para o sagrado, sem colocar fronteiras entre as duas categorias. Tudo se resolve no seu olhar integrador, sensitivo, acolhedor das imagens do mundo que o cerca. (NEVES, 2001, p.104).

Esse erotismo que se insere numa poética profundamente marcada pela espiritualidade e pelas referências cristãs do poeta, mesmo que de forma explicitamente contestadora, nos remetem a algumas postulações de Georges Bataille. Ele ressalta a proximidade latente entre erotismo e religião, afinal, ambos se fundam numa experiência interior.

Para Bataille, o erotismo é um dos aspectos reveladores da vida interna do indivíduo. A essa afirmação simples e decisiva, ele acrescenta ainda uma reflexão que se torna ainda mais intensa na atual sociedade de consumo, observando que o erotismo no homem é a própria revelação de seu ser, embora o homem busque constantemente esse ser íntimo fora de si, através de subterfúgios e objetos de desejo.

Nas palavras de Murilo Mendes, é “Impossível separar o sexual do espiritual. Mesmo o canto religioso provém de zonas subterrâneas.” (MENDES: 1995, p.1282). Essa interioridade expressa na poesia, nos faz entrever sinais de uma personalidade em sua inteireza, revelada em imagens associadas ao inconsciente e à alma do indivíduo, que se tornam o mesmo ponto de emanção da sexualidade e da espiritualidade. A poesia muriliana surge entranhada nessas forças múltiplas, que se expandem nas imagens femininas e nos paradoxos de intenso erotismo, espiritualidade e sensorialidade.

Em Murilo Mendes, o motivo feminino traz uma integração de alegorias. Além da mulher tomada na perspectiva material, em suas várias faces e formas, mulheres transbordantes de vida e de morte — imagens freqüentes em sua obra, como epifanias recorrentes — há ainda um princípio sensitivo e emocional que caminha paralelamente à visão erótica da mulher, identificando um aspecto feminino de caráter mais amplo e transcendente.

A própria imagem do Cristo, que matiza a sua religiosidade e perpassa toda a sua poesia e sua prosa, torna-se, como a mulher, um desejo expresso de perfeição e inteireza do ser, de satisfação e superação da realidade física dilacerante, que nos leva também ao ponto de convergência da vida e da morte.

A propósito desta temática, a mulher surge freqüentemente ligada a esses impulsos vitais. Retornando à Bataille, observamos em suas reflexões que os dois interditos primários referem-se, primeiro à morte, e posteriormente, à função sexual, que é vida e também morte. O amor, que também se associa à feminilidade imanente à obra muriliana, para Bataille, quando atinge um extremo, é um movimento de morte.

Através do interdito liga-se também a religião e o erotismo — essas duas instâncias tão presentes em Murilo.

A religião e a interdição estão diretamente associadas; entretanto, observamos que a religiosidade do poeta se abstrai e transgride o interdito, liberando sentimentos de revolta que poderiam se associar à violência que é característica da transgressão. Da transgressão surge então o erotismo ligado à figura da mulher, que traz a função de transpor espaços e imposições, de resistência e contraposição ao mundo simbólico, à cultura tradicional. (NEVES, 2001: p. 104).

Tomando como referência as forças vitais da sociedade moderna, Gaston Bachelard, em *A poética do devaneio*, observa como se dá a busca da racionalidade através da escrita e como a leitura muitas vezes se encontra mais com o devaneio, que seria uma manifestação da potencialidade feminina e imaginativa do homem. O poema muriliano busca, através de imagens intensamente ligadas ao devaneio e outras de profundo erotismo representada no corpo da mulher, a integração das partes desconstruídas do ser humano e do ente poético.

Inserindo na poesia imagens míticas e abolidas das referências da corrente predominante na sociedade — figuras como *Ariadane*, *Morgana* e *Lilith*, que são mitos femininos transgressores — o poeta revela nos poemas a reflexão e o resgate das margens do imaginário, muitas vezes desamparado pela inserção do Positivismo e do Iluminismo.

O poeta foge às imposições determinadas e revela o seu espírito lucidamente contestador, reivindicativo e vanguardista: “Quero tudo ou nada:/ Todas as paixões, todos os crimes, delícias e propriedades./ Ou então mergulhar num saco de cinzas,/ Montar num avião de fogo e nunca mais descer“. (MENDES: 1995, p.323).

Ainda tomando como referência sua obra autobiográfica, encontramos vestígios de seu incessante interesse investigativo pelos diversos sentidos que a mulher absorve e pela riqueza de imagens que ela traz à sua visualidade poética — uma marca muriliana no Modernismo brasileiro. Observemos, pois, um pouco dessas mulheres que o narrador de *A Idade do Serrote* nos é capaz de revelar com muito teatralidade:

Confesso que uma boa parte desta minha incipiente diligência cultural baseava-se no interesse pela mulher, que remontava a tempos recuados da minha infância. Não me contentando em ver mulheres no meu ambiente queria ainda ter ao menos imagens fotográficas de mulheres de outros países e outras épocas. Tratava-se não somente da fascinação pela mulher nua ou seminua, embora estas freqüentassem minha imaginação: era a mulher na

variedade dos seus tipos, sua forma, sua indumentária. Um relevo especial mereciam as fotografias de cantoras, artistas dramáticas, vestidas à grega, à romana, à oriental e à moda do império. Lamentava também que a fotografia tivesse sido inventada tão tarde. Como seria por exemplo Ruth? Raquel? Semíramis? A rainha de Sabá? Cleópatra? (MENDES: 1995, p.973).

Com um olhar fotográfico, que tenta resgatar rosto, corpo e alma das mulheres observadas, o narrador nos transporta por diferentes espaços da cultura, da arte, de lugares distantes e tempos distintos. Um feminino tradutor do alter-ego, dos espaços longínquos e apagados, trazidos à tona na poesia.

Essas mulheres que atraem o poeta, *nuas* ou em suas *indumentárias*, são também figuras artísticas que se vestem para expressar muito de suas almas, assim como as palavras que o poeta veste em sua poesia. Através dessas exóticas e diferentes vestimentas podemos pensar nas faces humanas que nelas se escondem e que ampliam o universo cultural compreendido pelo poeta, que pesquisa nesses corpos e suas indumentárias os matizes de suas representações no mundo ou a *persona* conceituada por Carl Jung. Afinal, nossa “*persona* é a forma pela qual nos apresentamos ao mundo. É o caráter que assumimos; através dela nós nos relacionamos com os outros. A *persona* inclui nossos papéis sociais, o tipo de roupa que escolhemos para usar e nosso estilo de expressão pessoal.” (FADIMAN; FRAGER: 1986, p.53)

Além de representação das diversas faces e aspectos da vida interna e social do indivíduo, a mulher é sobreposta em diferentes planos que se concentram em um campo de *eros*, tornado-se fruição e fluido da vida: impulso de nascer e renascer. Em muitos dos versos murilianos, a mulher representa a *criação* e a *destruição*, a *transparência* e a *opacidade*, convergindo para a sua busca da totalidade divina na poesia:

Mulher
Ora opaca ora translúcida
Submarina ou vegetal
Assumes todas as formas,
Desposas o movimento.

Sinal de contradição
Posto um dia neste mundo
Tu és o quinto elemento
Agregado pelo poeta
Que te ama e te assimila
E é bebido por ti.

Tu és na verdade, mulher,
Construção e destruição.

A mulher surge numa intensa apologia da movimentação do universo representado nessa poética e da complexidade humana enfatizada por diversos temas. Ela é a “opacidade transparente”, um tema em relevo na poesia muriliana, que se relaciona com esse sistema visível/invisível emaranhado de que nos fala o poeta. E não seria sem razão; afinal a mulher é vista na psicanálise como um ser ligado a uma complexidade maior, pois passa por fases mais diversificadas no seu desenvolvimento psíquico desde a infância, determinando uma mutabilidade mais acentuada em sua formação e desenvolvendo-se mais habilmente diante de processos de transformações.

A mulher, ainda se tomada através da referência lacaniana do *não-todo*, amplifica a complexidade da poética e a permanente luta entre o sagrado e o profano no homem, a falta inerente ao ser humano e a busca do preenchimento da alma, intensificado no chamamento recorrente de Deus pelo eu poético.

Essa reflexão do feminino como representação da incompletude e ao mesmo tempo da *anima* que preenche o homem, encontra respaldo nas postulações psicanalíticas que consideram as alternâncias mais acentuadas no desenvolvimento da mulher, as complexificações edipianas de espelhamento e seus percursos mais indiretos, que partem do processo simbiótico com a mãe, dela se afastam para a proximidade e o desejo do pai, e o conseqüente retorno à mãe, pela identificação. Além disso, e entre outros aspectos, somam-se as transformações hormonais do ser “guardião da vida”. Dessa forma, o ser feminino poetizado traduz as pluralidades universais e as transformações freqüentes que movem o mundo poético, construído de opacidades e transparências, de vida, morte e renascimento.

Acompanhando a perspectiva Jungiana, reelaborada por Bachelard, o feminino representa os fluidos mais espiritualizados da existência. Essa imagem se interage em uma poética, por vezes densa e apocalíptica, que freqüentemente se redime em ápices de renovação do amor, da paz transcendente e da vida.

Revelando interfaces do mundo sentido pelo poeta, o motivo feminino apresenta movimentos de aproximação com a tristeza, a ausência de vida, a morte, entretanto transformada em *gozo*, *esperança* e *vitória*. Em outros cenários poéticos surge como revelação do amor, do sonho e do impulso poético — talvez identificando a alternância de *animus* e *anima* em sua produção literária, no permanente intento de mover os homens e conduzi-los em direção às forças poéticas, contrárias à barbárie mundana.

Nesse sentido, Bachelard defende a proeminência de uma parte do ser ligada aos impulsos femininos — a *anima* — como responsável pelas imagens poéticas geradas pelo devaneio. E, devaneando sobre os devaneios, leva-nos à intimidade e ao repouso ligados à feminilidade, considerando a condição feminina expressa na *anima* do indivíduo como o fator que torna possível a reconciliação do mundo e a invenção de uma realidade mais humana.

Dessa forma, esse feminino presente em todos os seres é observado como condição para uma transformação positiva, através da capacidade de acolhimento e de introspecção. Bachelard nos diz da profundidade que se despreza das características da feminilidade que se desenvolve na *anima* do indivíduo. Pode-se perceber que, concordando com esse sentimento, o poeta vislumbra na imagem feminina o apaziguamento fraternal e o amor que se move no universo.

A mulher traz a figuração do amor, que se revela, como a poesia e a fé, um sentimento que movimenta o mundo e se interpõe no caos. Nem sempre para organizá-lo, pois, como mostra a imagem feminina que filtra esse amor, ela é elemento também de desestabilização; mas sim para acender a vida, a libido e a esperança.

Como o *quinto elemento* poetizado por Murilo, a mulher se liga à natureza, para compor o cenário da criação e o universo poético. No poema “Tu”, percebemos o sentimento de amor, força e impulsão para a vida que gera a figura feminina: “Por ti me vinguei da vida/ Matei a figura estéril/ E fiz a pedra florir“. (MENDES: 1995, p.349). Retrata ao mesmo tempo o furor das paixões e a serenidade mais doce, a dor e o consolo: “Não és meu punhal nem meu bálsamo“ (Idem: p.295), como reforça o poema “O amor sem consolo”. Essa mulher é complexa e sinaliza as ambigüidades da condição humana apontadas por Murilo Mendes. Ela transita no limiar da vida e da morte, como sugere o próprio amor, cujas imagens disseminadas nas vias poéticas são caracterizações dos impulsos de transição do humano para o divino, de canalização dos desejos de realização e de expressão poética:

Áspera e doce criatura,
És o arquétipo encarnado
Das mulheres oceânicas
E ao mesmo tempo tranqüilas.

Nosso amor será uma luta:
Ao som de clarins vermelhos
Subiremos pelo arco-íris
Semi-mortos de paixão,
Até encontrarmos o Hóspede.

(MENDES, p.349)

Diversos matizes se mesclam no poema, trazendo a imagem feminina que conduz à superação humana e ao encontro com um Ente interno, com um *Hóspede* interior que é acordado pela chama da paixão. Esse *Hóspede* traz a possibilidade da inteireza buscada também na imagem do Cristo, em seus poemas.

A mulher surge alegoricamente nos textos murilianos como autêntico ser poético, como corpo sensual, como espiritualidade e como um princípio feminino ligada à alma.

O feminino em Murilo Mendes intensifica-se na apologia da qualidade sensitiva e da representação da alma em sua espiritualidade cósmica, que liga o poeta ao amor universal. Como *anima*, o princípio feminino desenvolve a força expansiva da imaginação e vem em contraponto ao *animus* — masculino.

Reconhecendo a sua imperfeição e incorrendo muitas vezes num estado de choque, o ser poético identifica o *logos* que coordena o mundo além da poesia, refletindo sobre as vicissitudes que sufocam sua consciência poética, e assim reagindo à realidade caótica.

O poeta carrega a figura feminina ao ponto de contato com a reorganização espacial e temporal, absorvendo o processo de transformações recorrente. Ao lado da imagem sensual da mulher, revela ainda a idealização maternal, também encarnada na *anima*, que poetiza a vida e se levanta do caos para chamar o amor e o acalanto. O ser feminino emerge dos recônditos humanos trazendo o devaneio, a paz, e o (en)canto poético:

Deixe-me descansar a cabeça no teu seio
E sonhar um instante que não existo,
Que não existes, que não existe Deus,
Nem o mundo, nem o demônio, nem a vida, nem a morte.
(MENDES: 1995, p.295)

Verificamos com esse percurso que a mulher confirma a postura ambígua e dialética do poeta, instigando o leitor nas pesquisas do universo humano a que esse eu poético se entrega e nas lutas em que ele se embate. E podemos resgatar os versos do poema: “Mulher .../ Assumes todas as formas./ Desposas o movimento“, que conflui para um fundamento da poesia muriliana.

A mulher surge transformando, modelando e remodelando espaços, tempos e formas e, acompanhando o ritmo do mundo percebido pelo poeta, assume diversas faces, chegando sempre ao ponto de contato de suas epifanias poéticas e revelando os lados opostos do ser humano, que convivem harmoniosamente no espírito que o eu lírico pretende resgatar. 2

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manuel. *Murilo Mendes*. In: *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint (Ediouro), s. d.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

IDEM. *A Poética do Espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971. (Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura).

BOSI, Alfredo (org). *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva...[et al]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

2 Os temas aqui abordados foram estudados de forma mais aprofundada no livro *Murilo Mendes: o poeta das metamorfoses*, principalmente no capítulo intitulado “Imagens paralelas: transgressões e migrações”.

FADIMAN, James. FRAGER, Robert. *Teorias da Personalidade*. Trad. Camila Pedral Sampaio e Sybil Safdié. São Paulo: Harbra, 1986.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 20: mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa de Murilo Mendes*. Luciana Stegagno Picchio (org). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

IDEM. *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NEVES, Daniela. *Murilo Mendes: o poeta das metamorfoses*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2001.